



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

Ana Laura Rufino Gualberto de Brito

**COMO O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL FORJA O IMAGINÁRIO COLETIVO
INTERNACIONAL DE BRASIL**

**BRASÍLIA
2022**

ANA LAURA RUFINO GUALBERTO DE BRITO

**COMO O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL FORJA O IMAGINÁRIO COLETIVO
INTERNACIONAL DE BRASIL**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientadora: Professora Fernanda Luiza Silva de Medeiros

**BRASÍLIA
2022**

ANA LAURA RUFINO GUALBERTO DE BRITO

**COMO O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL FORJA O IMAGINÁRIO COLETIVO
INTERNACIONAL DE BRASIL**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientadora: Professora Fernanda Luiza Silva de Medeiros

BRASÍLIA, 10 JUNHO 2022

BANCA AVALIADORA

Professor(a) Orientador(a)

Professor(a) Avaliador(a)

COMO O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL FORJA O IMAGINÁRIO COLETIVO INTERNACIONAL DE BRASIL

Ana Laura Rufino Gualberto de Brito

Resumo:

O imaginário nacional e internacional coletivo sobre o Brasil se forjou sob influência de uma suposta democracia racial brasileira, onde todas as raças que aqui vivem desfrutam de iguais privilégios e harmonia, porém através de dados e dos grandes teóricos negros brasileiros, percebe-se essa ideia de democracia das raças como não só sendo mítica, mas também como uma tecnologia racista para impedir que avançássemos na reivindicação de ações reparatórias e pautas antirracistas, pois se algo não existe, não tem como lutar contra. Entretanto, ao longo da pesquisa, apresenta-se o rompimento com essa manipulação e por fim a verdadeira imagem de Brasil, que foi desconstruído e tem sido compartilhado pela imprensa internacional como deveria ser: um país racista que ainda lida com sequelas da colonização.

Palavras-chave: relações internacionais; democracia racial; racismo; decolonialidade; Brasil.

INTRODUÇÃO

Antes mesmo que eu soubesse me limpar sozinha, fui atravessada pelas dores do racismo, antes mesmo que eu soubesse escolher minhas próprias roupas, descobri que minha pele carregava estigmas. Aprendi que para amenizar minhas características, eu devia me silenciar e romper com as minhas raízes, mas eu nunca cheguei nesse ideal esperado.

Por muito tempo acreditei que meu problema era individual, que o problema era eu e não uma estrutura inteira decorrente do terror da colonização. Depois de muitos anos, já fora da escola, aprendi sobre os meus, sobre meu corpo e minha trajetória, que não era só minha, e sim compartilhada. Entendi que meu corpo é de axé, e quem é de axé não anda sozinho; que meu corpo não carrega mazelas e sim sabedorias ancestrais.

Hoje, é mais um dia que eu mato a colonização do meu corpo, do meu orí e tomo posse da minha voz, que foi silenciada antes mesmo que eu pudesse (re)nascido neste corpo. Portanto, escrevo para evocar minha própria cura e a de todos que não sucumbiram para que eu chegasse até aqui. Tenho em mim os meus sonhos, o de muitos povos negros da diáspora, e a reponsabilidade de um dia também ser ancestral de muitos. Assim como Exu, abro caminho aos meus.

Essa dissertação é uma escrita situada no âmago da minha existência, por isso

rompo com o discurso colonial que produz ferramentas de nos transformar em “a/o outro/a”, em função disso, aqui falo em primeira pessoa, pois enuncio narrativas compartilhadas, experimentadas por mim, por outras pessoas negras e também indígenas.

Neste trabalho, além de procurar romper com a perspectiva colonial do conhecimento, procuro denunciar as mazelas vividas por nós povos afro-pindorâmicos¹ no Estado brasileiro desde o período de colonização, onde ainda temos nossos corpos desumanizados e violados, assim como há 500 anos atrás.

Existe uma narrativa de falsa equidade étnico-racial que custa muito caro para nós pessoas não brancas - negras e indígenas, que habitam o território, porque acabamos por ter nossas necessidades de redução das desigualdades desconsideradas, o que desqualifica não só a demanda, mas uma luta inteira. Aqui optei por fazer o recorte e falar sobre as pessoas negras da diáspora, mas não desconsidero a questão indígena no Brasil.

Historicamente, as Relações Internacionais são analisadas por uma perspectiva branca e europeia, que por sua vez, anula e desfavorece as vivências africanas, afro-brasileiras e dos povos originários das Américas, devido a isso, a fim de descolonizar os saberes acadêmicos, trago neste trabalho a interpretação das Relações Internacionais através da ótica de mulher preta da diáspora, com o intuito de firmar outras possibilidades e trazer potência aos meus através da pesquisa acadêmica, a qual é também entendida como uma forma de manutenção de poder, que precisa ser remanejada.

Como analista das Relações Internacionais, enxergo a necessidade de elucidar a problemática do Brasil utilizar-se de uma farsa como forma de “*Soft Power*”, que é uma tecnologia de influência que ocorre através da cultura, admiração ou valores, o que pode persuadir outros atores internacionais, no momento de propor algo; e pessoas - ao refletir em um simples destino de férias ou ao considerar um país para morar.

Além disso, para elucidar a imagem construída pelo Brasil por meio da mídia internacional, serão analisados os maiores veículos de imprensa internacionais de cinco continentes diferentes, sendo eles África, América do Sul, América do Norte, Europa e Ásia, onde se verificará o que se pensam do Brasil em partes desses continentes.

O presente estudo se atenta para os fatos supracitados e a necessidade de preencher lacunas étnico-raciais dentro do estudo das Relações Internacionais. Espero que ao final dessa leitura, haja uma compreensão maior da estrutura que nos assola, que o debate se

¹ Antônio Bispo dos Santos (2015) ao usar a expressão “afro-pindorâmicas” se refere aos povos negros e povos/territórios originários da América do Sul (daí a referência à Pindorama “Terra das palmeiras” dos tupiguarani). É utilizada em um esforço e exercício de descolonização da linguagem e do pensamento (SANTOS, 2015, p. 12)

amplie e que o Brasil seja assimilado como um país racista, porque somente com a escancaração da problemática poderá haver uma renovação.

A discussão será iniciada no capítulo 1, ao definir o conceito da democracia racial brasileira, que se apoiará nas conclusões de Gilberto Freyre, que surgiram em contraponto à ideia igualmente racista de Arthur Gobineau. Mais adiante, no segundo capítulo, convido autores negros e trago dados, a fim de comprovar a não existência de uma democracia racial no Brasil. Além disso, será esmiuçado o conceito de *Soft Power*, cunhado por Joseph Nye (2004).

Para terminar, no terceiro capítulo, será pensado, através de uma análise comparativa, a relação da imprensa com o imaginário social brasileiro, por meio da apresentação de manchetes de diferentes países e continentes.

1 MARCO TEÓRICO

Pensar o mito da democracia racial, requer pensar o trauma deixado pela colonização. Diversas são as histórias contadas sobre a chegada dos colonizadores ao Brasil nos livros e documentos oficiais, mas a parte comum das versões que sabemos, muito pela contribuição de teóricos e militantes dos movimentos sociais de pessoas negras, é que o processo foi violento, dado a desumanidade desse ato, as consequências para os povos afro-pindorâmicos¹, afetarem - e ainda afetam as suas condições.

Entendemos o racismo como a construção de ocidente, que opera nas entranhas da estrutura do Brasil, como forma de manutenção da colonialidade. Já não somos mais os negros e indígenas, que levam chibatadas e são obrigados a servir o branco, mas isso não significa a inexistência de racismo no Brasil. De acordo com Grada Kilomba (2016), o racismo é como uma máquina muito sofisticada que está em constante adaptação ao contemporâneo.

Entre as coisas que validaram a inexistência do preconceito racial no Brasil foi o conceito e ideia de democracia racial forjado por Gilberto Freyre (1933) em seu livro *Casa-grande e senzala*, onde construiu-se uma narrativa de Brasil no imaginário nacional e internacional, como sendo um país que respeita a diversidade. Essa ideia proposta por Freyre foi tão bem aceita e ovacionada, não só pelo fato de ter sido escrita por um homem branco, mas porque ele se contrapõe de forma racista à uma ideia também racista de Arthur Gobineau.

Gobineau (1855) traz em sua obra que as pessoas brancas não deveriam misturar seus genes com as pessoas negras ou indígenas, porque as pessoas brancas teriam suas especificidades valorosas deterioradas por essa troca. Freyre então, é tido como

revolucionário porque em contraposição a isto, ele diz que seria favorável para a criação de uma identidade nacional brasileira que houvesse essa mistura. A democracia racial vem então neste livro de Freyre como a ideia de uma pseudo harmonia entre as pessoas negras, indígenas e brancas deste país.

Abdias do Nascimento (1978), em contraponto a ideia de Freyre (1933), traz em sua obra “O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado”, denúncias de racismo no Brasil, onde tinha por objetivo denunciar o mito da democracia racial. Ademais, Sueli Carneiro (2022), no podcast “Mano a Mano” também denuncia os preconceitos raciais sofridos por pessoas negras neste país. Petrônio Domingues (2005) em seu artigo “O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930)” também traz a mitificação do conceito de democracia racial.

Portanto, toda essa ideia de harmonia racial intrínseca ao imaginário social brasileiro, influencia o comportamento e interesse dos Estados, o que é chamado nas Relações Internacionais, de *Soft Power*, expressão fundada por Joseph Nye (2004). Para relacionar o *soft power* à democracia racial, Leme (2017) faz análises muito pertinentes sobre de que forma o Brasil é visto internacionalmente, deixando claro como esse estereótipo de democracia das raças é vendido e comprado lá fora.

Para complementar, trago também dados referente aos homicídios no Brasil, do Mapa da Violência (2021) e do desemprego no Brasil, que revelam que as discrepâncias entre brancos e negros neste país, devido ao racismo e ao movimento escravagista advindos da colonização é pauta emergencial.

Partindo do questionamento de como os principais veículos de imprensa internacionais interpretaram a “democracia racial” brasileira, pretendo elucidar a imagem construída pelo Brasil por meio da mídia internacional, será analisado o mais popular veículo de imprensa internacional de África, Ásia, Europa, América do Sul e um da América do Norte, sendo eles respectivamente: Africa News (representando o continente africano); El tiempo e El pais (representando a América Latina); The New York Times e CNN (simbolizando América do Norte); The Guardian (refletindo a Europa); e South China Morning Post (em referência ao continente asiático). Nesses jornais, com matérias datadas entre 2014 e 2022, serão pesquisadas palavras chaves como “Brasil + racismo” “Brasil + morte” na língua materna do jornal para com isso chegar ou não às notícias que revelam o imaginário coletivo internacional de Brasil.

Tudo isso, será analisado a partir da perspectiva pós-colonial das Relações Internacionais que busca expor os impactos do colonialismo na construção do sistema

internacional utilizando a intersecção entre classe e raça. Essa vertente teórica elucidada bem como as práticas de domínio material e intelectual permanecem agindo em todos os âmbitos, mesmo após o fim da colonização que deixou diversas sequelas nos países que passaram por esse processo.

2 COMO SE FORJA O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL NO BRASIL E OS IMPACTOS DISSO NA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA PARA OS PAÍSES INTERNACIONAIS

Para falar de democracia racial, é necessário relembrar, com muita aflição sobre o que foi o mais perverso movimento colonial, que teve início com a invasão de Pindorama² em 1500. Desde então, povos originários vem sendo violentados e desrespeitados nesse território, e que de forma semelhante, mas com particularidades, acometeu os negros trazidos de África para aqui serem escravizados.

Com o fim formal da escravidão no Brasil em 1888, diversas foram as preocupações das pessoas negras que foram libertas e abandonadas longe de políticas de inclusão e reparação social. Mas as preocupações das pessoas brancas, que compunham a classe dominante, estavam pautadas em achar uma identidade nacional para o povo brasileiro que se assemelhasse ao povo europeu, negando a existência e contribuição social, política, econômica e cultural dos povos originários e africanos. Como bem explicitou Sueli Carneiro:

Nós saímos dia 14 de maio de 1888, eles assinaram uma abolição, que significava “você estão livres para morrerem nas sarjetas desse país”. Não havia um projeto de inclusão social, não tinha um projeto de reforma agrária que nos permitisse lidar com a terra, não havia um projeto educacional, fomos jogados na lata do lixo das cidades brasileiras. Mas a elite intelectual desse país tinha um projeto muito claro, ela dizia “essa negrada com esse monte de índio, não vai dar certo, então nós precisamos embranquecer esse negócio e trazer ‘gente civilizada para cá, para trabalhar e formar o povo brasileiro’”, e foi isso que abriu o país para a imigração européia, vieram os Italianos e Alemães primeiro, com missão de civilizar, embranquecer e transformar isso aqui em um país que fosse a Europa nos trópicos (CARNEIRO, 2022, 30"52').

É neste contexto de pós abolição que surgem as teorias eugenistas no Brasil, essas teorias tentam se utilizar da ciência para desqualificar outras raças que não sejam a raça branca. Um grande pioneiro dessas ideias foi Arthur Gobineau (1855) - escritor do ensaio “Essai sur l'inégalité des races humaines” onde foi precursor de repulsivas teorias racistas

² Pindorama (terra das palmeiras) é a forma como o povo Tupi nomeava o Brasil antes da colonização.

no Brasil.

A ideia de democracia racial brasileira é decorrente do choque e semelhanças entre as ideias de Gobineau e Gilberto Freyre (1933), autor da clássica obra *Casa-grande & senzala*, que deu ao Brasil o título de país da democracia racial, sem ao menos citar essa expressão no livro.

Não é raro hoje, percebermos pessoas assumidamente racistas ocupando cargo de poder no Brasil, tendo em vista que isso é corriqueiro por aqui, e aparentemente sempre foi, o francês Arthur Gobineau, teórico racista, foi embaixador do Brasil entre os anos de 1869 e 1870, e fez diversas críticas hostis à respeito da mestiçagem brasileira, pois acreditava que o Brasil estava destinado à ruína devido ao fato de a grande maioria da população ser preta, indígena ou mestiça. Uma de suas perturbantes frases dizia que: “Já não existe nenhuma família brasileira que não tenha sangue negro e índio nas veias; o resultado são compleições raquíticas que, se nem sempre repugnantes, são desagradáveis aos olhos” (RAEDERS, 1997, p. 40)

Gobineau (1855) vai dizer em sua obra que as pessoas brancas não deveriam se deitar com as pessoas negras ou indígenas, porque as pessoas brancas teriam suas características superiores degradadas por essa troca. Ele traz isso em resposta ao ideal de mestiçagem da época, em que com o fim do período de escravidão, em 1888, na letra da lei, surge a preocupação da classe dominante com o que fazer com a quantidade de pessoas pretas e indígenas no país, para isso foram propostos alguns caminhos, como por exemplo: não deixar que elas fossem inseridas na lógica do trabalho assalariado, que vai se forjando com a industrialização; não deixar que elas tenham acesso à terra; não deixar que elas frequentem às ruas como sujeitos livres; e também pela ideia de que se deitassem com pessoas negras, com o tempo poderia se embranquecer os pretos que restassem.

Neste contexto, e em contraponto a esta ideia, surge Gilberto Freyre que rompe com a associação positiva entre harmonia racial e progresso, como idealizava Gobineau. Freyre (1933) em sua obra *Casa-grande & senzala*, criticava o postulado de que o Brasil era inferior quando comparado à uma suposta autenticidade civilizacional da Europa, como também foi onde ele interpretou o país a partir de um olhar essencialmente cultural e não mais racial como tinham feito seus predecessores. Uma inovação teórica que foi bem aceita na sociedade brasileira (FERREIRA, 1996 apud. SILVA, 2017).

Freyre então, é lido como revolucionário porque em resposta a esta ideia, ele diz que não é um problema pessoas pretas se deitarem com pessoas negras e indígenas. Em contrapartida, não é porque ele não vê diferença, mas sim porque ele identifica que com o

tempo isso será benéfico para a identidade nacional brasileira, porque afinal, para ele, era um esforço que devia ser feito para construir a identidade nacional. A democracia racial vem então neste livro de Freyre como a ideia de uma pseudo harmonia entre as pessoas negras, indígenas e brancas deste país.

Tem-se também, de acordo com Domingues (2005), que os estrangeiros que aqui chegavam, colaboravam com a ideação desse imaginário racial nas relações entre negros e brancos. Pois ficavam impressionados pela falsa liberalidade do sistema racial brasileiro, e muitos deles chegaram a falar do país de maneira extremamente fantasiosa, como foi o caso do viajante francês Louis Couty que disse:

No Brasil, o liberto entra plenamente em uma sociedade na qual ele é imediatamente tratado como um igual [...]. No Brasil, não somente inexiste o preconceito racial, e as freqüentes uniões entre as diferentes cores constituíram uma população mestiça numerosa e importante; mas também esses negros libertos e esses mestiços misturam-se inteiramente à população branca [...]. Não é somente à mesa, no teatro, nos salões, em todos os lugares públicos; é também no exército, na administração pública, nas escolas e nas assembléias legislativas que encontramos todas as cores misturadas, em igualdade de condições. (COUTY, ANO, p. xx)

Foram relatos como esse, que nega a existência de qualquer tipo de preconceito racial no país, que de acordo com Domingues (2005), que engendrou o mito da democracia racial. E ao negar o racismo, contribuía-se para desarticular a luta política reparatória e anti-racista, pois não se combate o que não há evidências como um aspecto estrutural que incide na sociedade brasileira.

Como bem esclarece a socióloga Vilma Reis (2022), a postura do Brasil no que diz respeito aos imigrantes negros é de repulsa, enquanto o sentimento dirigido aos europeus brancos que aqui chegam, é de receptividade. Isso torna indubitável o motivo pelo qual Couty enxerga o Brasil de forma tão romantizada, como visto acima. Além disso, Reis (2022) diz que um país que tanto se vangloria pelo acolhimento, tem postura um tanto como racista e criminalizadora com imigrantes negros e pobres.

3 MITIFICANDO A DEMOCRACIA RACIAL NO BRASIL

Ante o exposto, a democracia racial brasileira, forjado pelo sociólogo Gilberto Freyre (1933) em “Casa-grande e Senzala”, construiu-se uma narrativa de Brasil no

imaginário internacional, como sendo um país que respeita a diversidade.

Abdias do Nascimento (1978) consegue elucidar bem esse conceito quando diz que se estabeleceu no Brasil a ideia de democracia racial, onde existe uma harmonia entre negros, indígenas e brancos, e que segundo esta, ambos gozam de iguais privilégios, o que seria grande motivo de exaltação nacional. Entretanto, devemos perceber a democracia racial como símbolo pleno do racismo à la brasileira:

[...] não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido, social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país! [...] (NASCIMENTO, 1978, p. 92)

A história do Brasil é uma versão concebida por brancos para toda a sociedade brasileira, exatamente como sua estrutura econômica, sociocultural, política e militar tem sido usurpada da maioria da população para o benefício exclusivo de uma elite branca supostamente de origem europeia (NASCIMENTO, 1980), ou seja, essa ideia de democracia das raças, apenas favorece os brancos com a manutenção do *status quo*.

De acordo com Abdias do Nascimento, a libertação, anteriormente citada, das pessoas negras escravizadas no Brasil foi somente uma extensão do sofrimento vivido pois foram largadas ao léu, sem apoio para que sobrevivessem. As pessoas negras que agora foram libertas pela “bondade” da princesa Isabel, foram rejeitadas na maioria dos espaços, apenas os cabiam espaços como as recém criadas favelas, trabalhos domésticos, de prostituição e miséria. O racismo científico já era difundido no período, e propagava ideias de que os negros só serviam para trabalhos braçais e informais, enquanto brancos para os trabalhos de intelectualidade e assalariados.

Como Sueli Carneiro (2022) bem explicitou no podcast “Mano a Mano”, o que organiza e estrutura a sociedade brasileira, em suas mais profundas bases, é o racismo, que é uma ideologia para produzir privilégios para um grupo que é tido como superior, em detrimento de outro grupo considerado inferior.

Essa perpetuação da submissão de pessoas negras a espaços degradantes, traz a ideia de que a democracia racial é um mito, pois aponta as bases de violência e segregação impostas à este grupo de pessoas no país. Nesse sentido, ainda com o intuito de mitificar a ideia, temos que:

A chance de uma pessoa negra ser assassinada no

Brasil é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. A taxa de homicídios por 100 mil habitantes negros no Brasil em 2019 foi de 29,2, enquanto a da soma dos amarelos, brancos e indígenas foi de 11,2. (ACAYABA; ARCOVERDE, 2021, p. xx)

Ainda de acordo com o Atlas da Violência, veiculado pelo G1 (2021), os negros historicamente prevalecem sendo 77% das vítimas de assassinato no país em 2019, a taxa de homicídios é de 11 por grupo de 100 mil habitantes, quando se fala em brancos e amarelos, mas quando se analisa o mesmo indicador, entre os negros, a taxa é de 29 por 100 mil habitantes. O mesmo estudo ainda explana que em 2019, as mulheres negras foram 66% da totalidade de mulheres mortas no país, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 4,1, enquanto a taxa entre mulheres não negras foi de 2,5.

De acordo com os dados do IBGE (2021), quando se fala em desemprego, as pessoas negras representam 72,9% dos desocupados do país. Isso nos leva a perceber que ainda carregamos muitas heranças advindas da colonização e das ideias eugenistas, que acreditavam que negros só deveriam desenvolver trabalhos subalternos.

Em 2020, George Floyd, homem negro, foi assassinado em Minnesota, nos Estados Unidos, por um policial branco que o enforcou com o joelho por 8 minutos e 46 segundos. Esse acontecimento brutal, gerou uma vasta resposta com diversos protestos ao redor do mundo, inclusive no Brasil. No ano de 2019, presenciamos no país a morte de Pedro Henrique Gonzaga, jovem negro que foi estrangulado por segurança em supermercado. Diferente da morte de Floyd, a de Pedro não teve impacto internacional.

Diversos são os casos de homicídios brutais de corpos negros por aqui. Em 2014, Cláudia Silva Ferreira, mulher negra, foi baleada e arrastada em um camburão pela polícia militar do Rio de Janeiro (G1, 2014). Em 2018, Marcos Vinícius, adolescente negro de 14 anos, foi baleado pela polícia do Rio de Janeiro, enquanto ia para a escola de uniforme (F.B, 2018).

Além desses casos, houve também o de Ágatha Vitória Sales Félix, de apenas 8 anos, baleada pela polícia na Kombi, enquanto assim como Marcos, voltava da escola (G1, 2019). Em 2020, nos deparamos com outro caso que também escancara racismo, apesar de não ter sido causado por um agente policial, foi o caso do menino Miguel Otávio, de 5 anos, que morreu ao cair do prédio, enquanto estava aos cuidados da patroa da mãe, que negligenciou cuidados ao garoto (PORTELA, 2020) .

Enquanto construía esse escrito, fui assolada com a morte violenta de mais um dos meus, dessa vez foi Genivaldo de Jesus Santos, homem de 38 anos, que teve sua vida ceifada pela Polícia Rodoviária Federal de Sergipe, no porta-malas da viatura asfiziado brutalmente por gás, este caso específico está sendo noticiado em outros países. Diferente dos casos supracitados, o de Genivaldo ganhou um pequeno espaço entre as manchetes internacionais de alguns países, como no jornal britânico The Guardian, o espanhol El País e o francês Le Parisien.

Nesse sentido, em 2017 a Organização das Nações Unidas (ONU) publicou uma estatística que dizia que, um jovem negro é morto a cada 23 minutos no Brasil, nos últimos anos foram diversos os casos de mortes que causaram impacto dentro do país. Geralmente, só há uma comoção internacional grande quando a manchete é estadunidense, quando é brasileira há um silenciamento, diversos foram os “George Floyds” daqui que morreram no anonimato.

Para explicar isso, podemos se utilizar do que Domingues (2005) diz, que enquanto aqui no Brasil arquitetaram essa ideia de que a situação racial, no país, seria de total cordialidade entre as raças, nos Estados Unidos o negro travava uma luta "sanguinária" contra o branco. A ideia de democracia racial nasceu, também, na contínua comparação da situação brasileira de suposta inexistência de discriminação legal, com o regime de Jim Crow do Sul dos Estados Unidos:

Enquanto o negro norte americano desbotôa o peito e se atira contra o branco n'uma luta exterminante, barbara e sanguinaria, arrastado pelo odio mortal; enquanto corre pelas sargetas os jactos estenuantes de sangues irmãos, o negro brasileiro estende a mão da fraternidade aos seus irmãos brancos e fortalecem o cunho de amizade que os ligam porque apesar de tudo, do nosso esforço educativo, não nutrimos odio contra quem, em épocas longínquas, dominou pelo poderio e venceu pela chibata. Em abro teu peito de negro e beijo teu coração escarlata. A mão do branco não se mancha em apertar a mão do negro. No Brasil não há preconceitos (JORNAL CLARIM DA ALVORADA, 1926 apud DOMINGUES, 2005)

Tendo isso em vista, podemos chegar a um entendimento sobre o motivo pelo qual George Floyd causa imensa comoção internacional e os diversos assassinatos de pessoas negras no Brasil não, e isso é proveniente do que foi a ideia de democracia racial, que de acordo com a historiadora Suzane Jardim (2020), esse discurso ilusório de paraíso das

raças cumpriu sua função de calar os movimentos e sujeitos negros atingidos pelo racismo brasileiro, essa ilusão nutriu a ideia de que não seria necessário pensar em uma reparação histórica para negros escravizados, libertos e seus descendentes. Ao fingir que não existe racismo, tratam essas mortes como se fosse coincidência o corpo ser negro. Esse senso comum de negação do racismo tem sido combatido, mas ainda permanece.

Além disso, o Brasil, devido ao fato de ter sido o último país a abolir a escravidão de pessoas negras trazidas de África e ter sido o país que mais “importou” pessoas negras para escravizar, é o país que mais tem pessoas descendentes do continente africano. José Carlos de Araújo Leitão (2017), na época em que era embaixador do Brasil em São Tomé e Príncipe, chegou a dizer que “O Brasil é o maior país africano fora da África”. Nesse viés, tendo em vista que África é um continente esquecido e que seu sofrimento e conflitos são banalizados e nunca motivo de revolta internacional, o Brasil carrega consigo essa herança de amenização e invisibilidade nas manchetes.

Em outro aspecto, o conceito de democracia racial no Brasil começou a ser mais difundido na Era Vargas, de 1937 até 1945. De acordo com o sociólogo Antônio Guimarães (2020) diz, na época, existia toda uma ascensão de movimentos fascistas e racistas, e por isso os intelectuais brasileiros começaram a falar que nós tínhamos uma democracia excepcional onde não seguiam os moldes fascistas da época, espalharam as ideias de que entre nós não havia conflitos nem ódio de raça, o que era almejado como a solução dos problemas do mundo. O importante era difundir essa ideia de convívio amigável das raças, mesmo que não fosse real.

Ainda que nessa época o termo “*Soft Power*” não havia ainda sido cunhado por Joseph Nye, enxergo essa movimentação de Vargas como uma tentativa de utilização desse poder brando. Nye diz em seu livro que:

O poder é a habilidade de influenciar o comportamento de outros atores para obterem o resultado desejado, ao passo que os que detêm o poder, também possuem a sua capacidade de influenciar no comportamento dos outros e obterem os resultados desejados. Tal influência advém de dois princípios que Nye cunhou como *Hard Power*, o poder bélico ou coercitivo e o *Soft Power*, um poder mais brando de influência, gerado pela detenção da manipulação da atração, representado pelo apelo nas ideias, cultura ou na habilidade de se programar uma agenda através de padrões e instituições, a fim de obter resultados que dão forma às preferências de quem o utiliza (NYE, 2004 apud. LEME, 2017).

Nye ainda diz que o *soft power* é o poder da atração, por isso o Brasil tentava atrair as pessoas e os Estados através do seu ideal de paraíso racial e país acolhedor, onde não se envergonhavam das misturas raciais que aqui existiam e onde não se difundia o racismo. Além disso, o *soft power* funciona através do convencimento dos outros a reproduzir o comportamento desejado (Keohane & Nye, 2012, p. 216), que como citado anteriormente, a propagação do *soft power* ocorria no Brasil com a falsa ideia de Democracia Racial no Brasil, o que faz com que muitas pessoas até hoje escolham o Brasil para migrar por causa disso, por exemplo, e muitos estados ainda o vejam como um modelo a ser seguido no combate à discriminação racial.

4 IMPRENSA COMO ENGAJADOR DAS PAUTAS INTERNACIONAIS

A imprensa é um grande aliado na hora de engajar uma pauta, os veículos de comunicação são influenciadores e formadores de opinião, e apesar de não ser o único meio para a operação da ideologia nas sociedades modernas tornou-se o mais importante neste sentido. A mídia tem o poder de transformar todo o imaginário coletivo de um país, dentro e fora dele.

Tendo isso em vista, países de diferentes continentes certamente já não enxergam mais o Brasil como um lugar onde inexiste a prática do racismo pois têm-se compartilhado mais, mesmo que minimamente matérias que apontam e expõem o racismo no Brasil. No Africa News, mídia de notícias com transmissão em 32 países do continente africano, divulgou a notícia da morte de João Alberto Silveira Freitas, com o seguinte título: “Brasil: Manifestações para protestar contra morte de homem negro por guardas” Rédaction Africanews (2020).

Já no maior jornal da América Latina, “*El Tiempo*”, foi publicada a seguinte manchete: “Brasil: protestos massivos contra o racismo e a violência policial” AFP (2021). Já na América do Norte, no jornal Estadunidense “*The New York Times*” foi possível encontrar um artigo datado de 1978 que expunha sem rodeios o racismo que ocorria no Brasil, intitulado “Muitos negros são excluídos do 'paraíso' racial do Brasil” VIDAL (1978). Na CNN norte-americana, compartilharam uma análise intitulada “Democracia Branca, com um bronzeado” BLAKE (2021), onde tratam o Brasil como um lugar inesperado de se ter racismo, mas tem, apesar da maioria da população do país ser não branca.

No The Guardian, um dos maiores jornais da Inglaterra, foi possível encontrar diversas notícias que anuncia o Brasil como país racista e violento com pessoas negras, algumas das matérias encontradas vêm com as seguintes manchetes: “Um George Floyd a cada 23 minutos’: fúria pelo assassinato brutal de refugiado na praia do Rio” BRISO; PHILLIPS (2022), que evidencia o racismo através do assassinato de Moïse Kabagambe, homem negro refugiado da República Democrática do Congo; “Racismo estrutural’: ONU pede reformas no Brasil após espancamento mortal de homem negro” AGENCE FRANCE-PRESSE (2020), nesta matéria assim como na do Africa News, é trazido o caso de João Alberto; outra recente manchete no mesmo jornal foi a “Indignação no Brasil por homem negro com transtorno mental morto em 'câmara de gás' de carro de polícia” MALETIN (2022), que traz o recente assassinato de Genivaldo de Jesus Santos, que foi anteriormente citado. Além dessas há muitas outras matérias que denunciam a falsa democracia racial.

No jornal espanhol *El Pais*, pude encontrar muitas notícias que revelam a farsa do estereótipo brasileiro, uma delas é sobre Genivaldo que diz “Um homem morre em uma viatura no Brasil, onde policiais o prenderam com gás lacrimogêneo” GORTÁZAR (2022), porém não especifica o fato de ser um homem negro, outra traz uma entrevista com Djamilia Ribeiro, onde ela fala que "A estratégia do Estado brasileiro foi fingir que não havia racismo" GORTÁZAR (2022); e muitas outras matérias com a mesma entonação foram compartilhadas por esse jornal.

Representando o continente asiático, o *South China Morning Post*, que tem sede em Hong Kong, traz manchetes como “Belo jogo revela feia realidade do racismo no Brasil” AGENCE FRANCE-PRESSE (2014), onde é exposta situação racista após jogo de futebol no Brasil; “Protestos no Brasil após homem espancado até a morte por guardas brancos antes do Dia da Consciência Negra” BLOOM, 2014, que também fala sobre o caso João Alberto.

Ainda que haja toda essa delação internacional da real condição brasileira no que se diz respeito ao racismo vivenciado, o número de notícias compartilhados lá fora ainda é ínfimo comparados à quantidade de casos bárbaros que aqui ocorrem. Além disso, o mito da democracia racial, que deveria há muito tempo ter sido desmontado, ganhou forças como mote de governo no mandato de Jair Bolsonaro, que não só nega a existência de um racismo estrutural e institucional, como criminaliza movimentos sociais, através da crença na democracia das raças.

Porém essa vestimenta que forja o Brasil como paraíso das raças já não nos servem mais, como bem explicitou Sueli Carneiro (2022), o mito da democracia racial havia instituído uma etiqueta social, onde todos simulavam com muita hipocrisia que o racismo não era uma realidade dentro do país, esse era um acordo firmado no inconsciente das entranhas do país, porém rompemos com esse acordo de maneira que fez com que o imaginário internacional de Brasil fosse reformulado como de fato é, como racista, e escancarado mundo afora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, evidencio a ideia de democracia racial como um forjador da identidade nacional brasileira mundialmente, que explanava falsamente que no Brasil não havia conflitos entre negros, indígenas e brancos, onde ambos viviam muito bem com iguais oportunidades de existência. O que ganhava ainda mais força com relatos de estrangeiros (europeus brancos) que aqui visitavam e reforçavam a ideia.

Entretanto, quando trago para discussão dados do Mapa da Violência, do desemprego e grandes teóricos como Abdias do Nascimento e Sueli Carneiro, é perceptível que a democracia racial não passa de um mito, e que o Brasil é um país extremamente racista, que assim como nos tempos mais sombrios -onde a escravidão era legalizada na letra da lei-, negros ainda continuam sendo desumanizados, mortos e violentados das mais diferentes e humilhantes formas.

Quando aqui confirmo o Brasil como racista, miro no reconhecimento dessa problemática para que cheguemos mais longe, perceber o Brasil como racista é um passo fundamental para que possamos com isso ir atrás de soluções e lutar para colocar um fim nessa disfunção estrutural.

É inegável que houve uma tentativa de manipular a imagem do Brasil internacionalmente para influenciar os outros países por meio dessa ideia de que o Brasil, diferente dos outros países, havia conseguido driblar o preconceito de raças dentro do território, porém, de acordo com os veículos de comunicação, e em movimento diferente ao esperado por mim ao começar a escrita deste artigo, essa tentativa de *soft power* falhou.

Nesse rumo, essa estratégia falhou porque a negra rescindiu com o contrato hipócrita de fingir que o racismo não existia, ademais, os dados também não deixam mentir. Entretanto existe um movimento atual neste governo, que compactua ainda com essa ideia ultrapassada de falsa igualdade e ausência de preconceitos.

Entretanto, para muitos negros brasileiros, o mito da democracia racial ainda forja a consciência do povo, pela massiva comunicação racista e mentirosa, em que os próprios movimentos negros do Brasil luta para que o povo negro da diáspora conheça sua própria história e realidade.

REFERÊNCIAS

- ACAYABA, Cíntia; ARCOVERDE, Léo. Negros têm mais do que o dobro de chance de serem assassinados no Brasil, diz Atlas: grupo representa 77% das vítimas de homicídio. São Paulo, 2021. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/31/negros-tem-mais-do-que-o-dobro-de-chance-de-serem-assassinados-no-brasil-diz-atlas-grupo-representa-77percent-das-vitimas-de-homicidio.ghtml>. Acesso em: 7 jun. 2022.
- AFP. Brasil: masivas protestas contra el racismo y la violencia policial. **El Tiempo**. [s.l.], 14 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.eltiempo.com/mundo/latinoamerica/brasil-protestas-contra-el-racismo-y-la-violencia-policial-588411>. Acesso em 7 de jun de 2022
- AGENCE FRANCE-PRESSE. Structural racism: UN urges reforms in Brazil after deadly beating of black man. Brazil. **The Guardian**, Geneva, 24 de nov de 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/nov/24/un-brazil-needs-urgent-reforms-combat-racism-after-beating-black-man>. Acesso em: 7 jun. 2022a.
- AGENCE FRANCE-PRESSE. Protests in Brazil after man beaten to death by white guards ahead of Black Consciousness Day. **South China Morning Post**, 20 de nov de 2020. Disponível em: <https://www.scmp.com/news/world/americas/article/3110780/fury-man-beaten-death-white-security-guards-eve-brazils-black>. Acesso em: 7 jun. 2022b.
- ARRASTADA por carro da PM do Rio foi morta por tiro, diz atestado de óbito. **G1**, Rio de Janeiro, 19 de mar de 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/arrastada-por-carro-da-pm-do-rio-foi-morta-por-tiro-diz-atestado.html>. Acesso em: 7 jun. 2022.
- BLAKE, John. White supremacy, with a tan. **CNN**. [s.l.] 04 de set. 2021. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2021/09/04/us/census-browning-of-america-myth-blake/index.html>. Acesso em 7 de junho de 2022
- BLOOM. Beautiful game reveals ugly reality of racism in Brazil. **South China Morning Post**, 3 de jun. de 2014. Disponível em: <https://www.scmp.com/news/world/article/1523961/beautiful-game-reveals-ugly-reality-racism-brazil>. Acesso em: 7 jun. 2022.
- BRISO, Caio; PHILLIPS, Tom. A George Floyd every 23 minutes: fury at refugee's brutal murder at Rio beach . **The Guardian**, 4 de fev de 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2022/feb/04/brazil-congolese-refugee-murder-racism>. Acesso em: 7 jun. 2022.
- COUTINHO, Katherine. Caso Miguel: mãe de menino que caiu de prédio diz que ex-patroa a chamou de ingrata em depoimento. **G1**, Pernambuco, 15 de setembro de 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/09/15/caso-miguel-foi-muito-bem-ensaiada>

-ate-o-show-que-ela-deu-no-final-chorando-diz-mae-de-menino-sobre-fala-de-sari-corte-real-em-audiencia.ghtml. Acesso em: 7 jun. 2022.

DOMINGUES, P. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Diálogos Latinoamericanos**, [S. l.], v. 6, n. 10, p. 16, 2005. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/dialogos/article/view/113653>. Acesso em: 7 jun. 2022.

ENTENDA como foi a morte da menina Ágatha no Complexo do Alemão, segundo a família e a PM. **G1**, Rio de Janeiro, 23 de set de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/entenda-como-foi-a-morte-da-menina-agatha-no-complexo-do-alemao-zona-norte-do-rio.ghtml>. Acesso em: 7 jun. 2022.

F.B. Mãe de jovem morto no Rio: é um Estado doente que mata criança com roupa de escola. **El País**, 25 de jun de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/22/politica/1529618951_552574.html. Acesso em: 7 jun. 2022.

FERREIRA, Helder. Grada Kilomba: ‘O racismo está sempre se adaptando ao contemporâneo’. **Cult.** [s.l.], 07 de abril de 2016. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/grada-kilomba/>. Acesso em 7 de jun de 2022

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, (jan./jun.), 1988, p. 69-82.

GORTÁZAR, Naiara. Djamilia Ribeiro, filósofa: “La estrategia del Estado brasileño fue fingir que no había racismo”. **El País**. São Paulo, 29 de mar. 2022. Disponível em: https://elpais.com/cultura/2022-03-29/djamila-ribeiro-filosofa-la-estrategia-del-estado-brasileno-fue-fingir-que-no-habia-racismo.html?rel=buscador_noticias. Acesso em: 7 de junho de 2022

GORTÁZAR, Naiara. Un hombre muere en un coche patrulla en Brasil donde policías le encerraron con gases lacrimógenos. **El País**, São Paulo, 26 de maio de 2022. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2022-05-26/un-hombre-muere-en-un-coche-patrulla-en-brasil-donde-agentes-le-encerraron-con-gases-lacrimogenos.html>. Acesso em: 7 jun. 2022.

LEME, Haroldo. Soft Power da indústria cinematográfica estadunidense na Era Vargas (1939-1943). **NuestroAmérica**, [s.l.], v.5, n.10, p 228-247, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5519/551957463012/>. Acesso em 7 de jun de 2022.

MALETIN, Constance. Outrage in Brazil as mentally ill Black man dies in police car ‘gas chamber’. **The Guardian**. Rio de Janeiro, 26 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2022/may/26/brazil-mentally-ill-black-man-dies-gas-p-olice-car>. Acesso em: 7 de junho de 2022

MANO A MANO: Mano Brown recebe Sueli Carneiro. Entrevistada: Sueli Carneiro. Entrevistadores: Mano Brown e Semayat Oliveira. **Spotify**. 26 de maio de 2022. Podcast. Acesso em: 26 de maio de 2022

NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo

mascarado. São Paulo: **Perspectiva**, 2016. 2aed.

Nye, J. 2004. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. 1st ed. New York: PublicAffairs.

Nye, J. and Keohane, R. 2012. *Power, Interdependence, and the Information Age*. In: *Power and Interdependence*, 4th ed. Glenview, IL, USA: Longman, pp.215-227.

PORTELA, Laércio. Morte de Miguel expõe o racismo estrutural por trás das desigualdades no Brasil. **Marco Zero**. [s.l.], 04 de jun. 2020. Disponível em: <https://marcozero.org/morte-de-miguel-expoe-o-racismo-estrutural-por-tras-das-desigualdades-no-brasil/>. Acesso em 7 de junho de 2022

RAEDERS, Georges. **O conde de Gobineau no Brasil**. [s.l.]: Paz e Terra, 1997.

Rédaction Africanews. Brazil: Demonstrations held to protest killing of Black man by guards. **AfricaNews**. [s.l.], 14 de nov. 2020. Disponível em: <https://www.africanews.com/2020/11/21/brazil-demonstrations-held-to-protest-killing-of-black-man-by-guards/>. Acesso em 7 de jun de 2022

SANZ, Beatriz; RODRIGUES, Paula. Democracia racial: Ideia foi adotada no Brasil pós-escravidão e ajuda a explicar racismo atual. **UOL**, São Paulo, 12 jun de 2020. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/democracia-racial-ideia-foi-adotada-no-brasil-pos-escravidao-e-ajuda-a-explicar-racismo-atual/#page12>. Acesso em: 7 jun. 2022.

SECOM. “Brasil é o maior país africano fora da África”, afirma embaixador durante palestra na Unilab. **Unilab**. [s.l.], 09 de abril de 2015. Disponível em:

<https://unilab.edu.br/2015/04/09/brasil-e-o-maior-pais-africano-fora-da-africa-afirma-embaixador-durante-palestra-na-unilab/#:~:text=palestra%20na%20Unilab-,%E2%80%9CBrasil%20%C3%A9%20o%20maior%20pa%C3%ADs%20africano%20fora%20da%20%C3%81frica%E2%80%9D%2C,embaixador%20durante%20palestra%20na%20Unilab&text=Embaixador%20do%20Brasil%20em%20S%C3%A3o,que%20a%20elite%20brasileira%20gostaria%E2%80%9D>. Acesso em: 7 de junho de 2022

SILVA, M. **Miscigenação e patriarcalismo à maneira maometana: origens da democracia racial em Gilberto Freyre**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Ciência Política (IPOL), Universidade de Brasília. Brasília/DF. 2017.

VIDAL, David. Many Blacks Shut Out of Brazil's Racial ‘Paradise’. **The New York**

Times. Rio de Janeiro, 05 de jun. 1978. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/1978/06/05/archives/new-jersey-pages-many-blacks-shut-out-of-brazils-racial-paradise.html?searchResultPosition=9>. Acesso em: 7 de junho de 2022